

## CORDIALIDADE NO TRÂNSITO

### BEING POLITE IN TRAFFIC

Sonia Chébel Mercado Sparti \*

Em passado não muito distante (nos anos cinquenta do século XX), as questões relativas ao trânsito eram do âmbito quase exclusivo da polícia e do policial, o então chamado *guarda de trânsito*. O automóvel ainda não tinha se transformado no objeto do desejo e no sonho de consumo, como atualmente. Era visto como um meio de locomoção, dentre outros, como bondes, trens, charretes, bicicletas, ônibus, ou mesmo, sapatos. Para Hartmut Günther (professor titular no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, da Universidade de Brasília), o sapato foi o primeiro veículo, pois permitia, a quem o possuísse, andar mais rápido, enquanto aqueles que não dispunham desse equipamento, eram obrigados a caminhar mais devagar para não machucar os pés.

Ao longo desses cinquenta anos, várias transformações ocorreram, dentre as quais: a) atribuição do valor simbólico ao automóvel, agora considerado sinônimo de status, poder, prestígio, sucesso, conquista, respeito, independência, felicidade enfim; b) planejamento urbano priorizando o automóvel, em lugar do pedestre, através da construção de ruas e avenidas cada vez mais largas e de calçadas cada vez mais estreitas, irregulares e mal-conservadas, em grande parte das vezes; c) veículos automotores mais velozes e rodovias com limites de velocidade mais elevados.

O espaço compartilhado da circulação humana, a que chamamos trânsito, passou a ser assunto transdisciplinar e multiprofissional, sendo estudado pela engenharia, medicina, direito, sociologia, ecologia, psicologia e educação, dentre outras ciências. Não são apenas pessoas, veículos e animais que estão circulando. Nesse espaço também circulam vontades, necessidades, emoções, desejos. Por esse motivo, questões relativas à circulação humana passaram a alimentar reflexões e pesquisas de psicólogos e educadores.

Nesse cenário, pesquisas psicológicas indicam que

violência ou cordialidade no trânsito dependem, fundamentalmente, do modo como motoristas percebem as outras pessoas nesse espaço público: como **adversárias** ou **parceiras**. No primeiro caso, a outra pessoa pode ser vista como *obstáculo* ao seu caminho, simplesmente por estar em sua frente; como *competidora* que deve ser vencida, por ter um carro mais possante; como *inimiga* que precisa ser punida, por ter feito uma manobra indevida.

Mas no segundo, a outra pessoa é vista como *parceira*, como *companheira* de jornada, com o mesmo direito de uso das vias públicas e sujeita às mesmas situações adversas do percurso, tais como congestionamentos, obras nas vias, chuva torrencial, desvios de pistas, além de estados emocionais desfavoráveis. Mágoas, angústias, ressentimentos e outras reações emocionais vivenciadas na família, no trabalho, no lazer, no condomínio e em outras situações da vida cotidiana, podem ser deslocadas para a arena do trânsito. Dessa maneira, a raiva que uma pessoa sente de seu chefe, cônjuge ou colega de trabalho pode ser deslocada ao/à jovem recentemente habilitado/a, que buzinou sem necessidade. E assim por diante.

No entanto, situações de cordialidade no trânsito, como “*dar passagem*”, por exemplo, fazem os/as motoristas descobrirem como é melhor receber sorriso de agradecimento do que gesto obscuro. **Embora seja mais fácil para muitos/as condutores/as dominarem a máquina do que a si próprios**, se quisermos preservar nossas vidas e a de outras pessoas, e voltarmos inteiros do trabalho, estudo ou lazer, precisamos aprender a considerar as outras pessoas que estão no trânsito, como **parceiras**, sujeitas às mesmas adversidades que nós, e não como **adversárias**, que deveriam ter ficado em casa para não “entupirem” as ruas.

---

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 9, n. 1, p. III, 2007

\* Doutora em Psicologia da Educação - PUC-SP

Contato: chebel@splenet.com.br